



SUMMARIO

Artigos editoriaes—O *Neptuno Clerical*—O *Rev. Dr. Thomaz B. Wood*—Os *livros apocryphos*, pag. 377 e 378—*Perguntas e respostas*—A *Virgem do Sameiro*, pag. 379 e 380—*Sciencias, artes e letras*—O *Visconde de Chateaubriand*—Dos *livros e manuscritos antes e depois da imprensa*, pag. 381 e 382—*Secção noticiosa*—Egreja *Catholica Apostolica Evangelica*, de *Villa Nova de Gaya*—*Conferencia sobre missões*—*Sala Evangelica em Lordello do Ouro*—*Opinião da Imprensa sobre "O que é a Missa"*—*Um harmonium*—Os *jesuitas e a falta de instrução publica, no Sardeal*—O *"Prisioneiro"*—Os *jesuitas em S. Pedro do Sul*, pag. 383—*Pagina para a infancia*—*Saintal e Gervasio*—*Exemplo de amizade fraternal*—*Miscellanea*—*Um sorriso de moribundo*—O *sacco de terra*, pag. 384.

O Nepotismo Clerical

Esta palavra de origem italiana designa o favoritismo com que os papas, a seu belprazer, dispunham dos dinheiros dos fieis e dos empregos rendosos da Egreja, para favorecer e enriquecer os seus proprios parentes, como o immoralissimo Alexandre VI, conhecido na historia pelo nome de Borgia.

Para isto e para sustentar esse luxo oriental dos cardeaes e mais parasitas do Vaticano, teem servido e servem as esmo-las dadas para o chamado *dinheiro de S. Pedro*, que de nada precisa, e que tem servido e serve de pretexto para estas e outras trapaças e velhacarias da curia romana.

Porém o nepotismo dos papas é uma enfermidade tão geral que se estendeu a todos os paizes, aonde predomina a seita catholica romana, pois que os bispos nas suas dioceses fazem presentemente o mesmo que os papas faziam em Roma, e actualmente se faz no Vaticano, depois que a Italia recobrou os seus direitos nacionaes que os papas lhe haviam usurpado.

Sem recorrer a exemplos de fóra, basta fazer notar o que aqui se passa n'esta diocese do Porto, onde se faz sentir o fa-

voritismo do respectivo bispo, dando aos seus afeiçoados e parentes as melhores prebendas, com manifesta violação dos canones d'essa mesma Egreja.

Mas que importam os canones do Concilio de Trento diante da vontade dos snrs. bispos?

Ha clerigos de bastante merecimento que não téem que comer, e que não téem collocação porque não são hypocritas nem sabujos, e por isso não estão nas graças dos bispos.

Outros clerigos ha que, sem sciencia nem virtudes, estão altamente collocados e fazem tudo o que lhes parece.

Pobre paiz aonde se dão factos d'esta natureza!

E que faz o ministro da justiça diante d'estas constantes invasões do poder espiritual?

Finge desconhecel-as para não se incommodar, e beija reverente o anel episcopal do snr. D. Americo quando o encontra nas recepções do paço do snr. D. Luiz I.

E depois, não é s. exc.^a, o snr. Beirão, como é sabido de todos, um fiel catholico romano, que lê na missa as *Horas Marianas*?

N'esse caso, procede como um verdadeiro devoto romano.

A excommunhão ainda inquieta os espiritos meticulosos e fanaticos.

Triste! muito triste!

O Rev. Dr. Thomaz B. Wood

E'-nos summamente agradavel registrar nomes prestigiosos, como este que nos serve de epigraphe, e que no Sul d'America é conhecido como o Apostolo mais fervoroso da doutrina pura do Evangelho. E se nos compraz excessivamente dar noticia de um ministro do Senhor que ha sabido manter-se na altura da missão divina que lhe foi confiada, tam-

bem nos é lisongeiro felicitar nossos irmãos da Egreja Methodista Episcopal em Montevideu, que sabem dar provas de apreço a quem o merece.

O procedimento havido por parte d'aquelles nossos irmãos para com o Rev. Thomaz B. Wood, ex-superintendente da Missão Evangelica da Egreja Methodista Episcopal no Sul d'America, prova que sabem ser justos ante os acontecimentos que se succedem, perante os seus olhos observadores.

Ao lêrmos a noticia da exposição do retrato que os methodistas d'aquella parte da America offereceram a quem tanto tem feito em favor do Christianismo, ao ponte de conseguir libertar o Paraguay do jugo jesuitico para entrar no caminho do Evangelho, que ora segue, não podemos deixar de convidar todas as Egrejas Evangelicas do nosso paiz a darem gloria a Deus, que tão bondoso se manifesta para com seus servos.

Por nossa parte, a par nossas preces a Deus pelo augmento espiritual dos povos Sul-Americanos, saudamos ao Rev. Dr. Wood, pelo muito que tem feito em favor de tantas almas resgatadas para Christo.

Damos em seguida publicidade á noticia que lêmos no importante jornal *O Brazil*, periodico de Montevideu, de 18 de outubro do corrente anno sobre o assumpto, que nos levou a escrever estas linhas de apreço e homenagem ás virtudes e aos trabalhos d'esse verdadeiro Apostolo nas republicas do Sul-d'America:

"HOMENAGEM AO MERITO

"No deposito de pianos do snr. Luiz Esteve, rua Sarandi, entre as de Cerro e Camaras, acha-se exposto, para ser apreciado pelos que amam a arte, um retrato do Rev. Dr. Thomaz B. Wood, ex-superintendente da Missão Evangelica da Egreja Methodista Episcopal na America do Sul, cujo retrato foi-lhe offerecido

por seus amigos, membros da mesma Igreja. E' um trabalho que honra o artista que o fez e que revela o espirito de justiça que caracteriza os que tomam sempre por norma em todos os actos de sua vida o Evangelho..”

Os livros Apocryphos

CAPITULO V

(Continuado do n.º 47)

Melitão, escrevendo a um amigo, Onesimo, diz:

“Quando, pois, estive no Oriente, aonde se prégarão e realizaram estas coisas, procurei uma relação exacta dos livros do Antigo Testamento, cujo cathalogo te remetto junto com esta carta..”

CATHALOGO II—ORIGENES

O segundo cathalogo é subministrado por Origenes, no anno 230:

“Cinco livros de Moyses; Josué, filho de Num; Os Juizes e Ruth, em um livro; O 3.º e 4.º dos Reis, também em um livro; Esdras, 1.º e 2.º, n'um livro chamado Ezra; O livro dos Psalmos; Os Proverbios de Salomão; O Ecclesiastes e Canticos; Isaias; Jeremias; Daniel; Exequiel; Esther..”

Origenes foi o sabio mais eminente do seu tempo, homem infatigavel em seus trabalhos, e cujas obras chegaram a ter o defeito de serem muito volumosas. Foi muito versado na lingua hebraica, e foi o editor de uma edição do Antigo Testamento em hebraico, com versões parallelas em grego. Este distincto apologista do christianismo foi submettido á tortura como martyr, soffrendo os tormentos com grande resignação e piedade; sua vida, porém, foi preservada até á idade de 70 annos, em que falleceu.

Segundo o seu cathalogo os livros em questão, os apocryphos, não se achavam n'essa epocha entre os oraculos de Deus. Referindo-se a alguns d'elles, diz:

“Os judeus não fazem uso de *Tobias*, nem de *Judith*, não os teem em hebraico, nem mesmo os contam entre os seus livros apocryphos..” (*Ep. ad Afric. sec. 13. pag. 26.*)

“Nem os judeus nem os christãos crêem que a *Sabedoria* fosse escripta por Salomão. Entre os hebréos, a quem foram confiados os oraculos de Deus, não se recebiam como de Salomão senão os tres livros que nós temos como seus..” (*Prol. in Cant.*)

“Com relação aos *Macabéos* não fazem parte das Escripturas..”

Affirma também que a historia de *Susana* não se encontrava nos exemplares judaicos do livro de Daniel, e que não era recebida como authentica.

CATHALOGO III—ATHANASIO

Athanasio, em 326, nos offerece o *terceiro cathalogo* do Antigo Testamento, na sua *Epistola Festal*, como segue:

“Primeiro os cinco livros de Moyses. Os livros historicos desde Josué até Esdras. Os livros em verso, os Psalmos, Proverbios, o Ecclesiastes, Canticos e Job. Isaias, Jeremias, Exequiel e Daniel.

Na *Synopse* accrescenta:

“Os livros regeitados do Antigo Testamento são a *Sabedoria* de Salomão, a *Sabedoria* do filho de Sirach, *Esther*, *Judith* e *Tobias*, com os quaes se contam também os quatro livros dos *Macabéos* e outros..”

Athanasio, principe entre os theologos, brilhou em sua epocha como grande defensor da divindade de Jesus Christo. Ao encerrar o seu cathalogo diz:

“Estes oraculos divinos são as fontes da salvação; por meio d'elles se ensina sómente a doutrina da sanctidade. Que ninguem lhes accrescente ou tire coisa alguma. Com elles confundiu Jesus os Saducéos, dizendo: “Erraes, não sabendo as Escripturas..” Aos Judeos disse, exhortando-os: “Examinae as Escripturas, pois que são ellas que dão testemunho de mim..” Porém julguei necessario, para maior exactidão, expôr por escripto que ha outros livros, além d'estes, que não são canonicos, e que os padres recomendam que devem ser lidos como muito proprios para instruir na piedade, a saber: A *Sabedoria*, de Salomão, a *Sabedoria* de Sirach, *Esther*, *Judith*, *Tobias*, e a Doutrina Apostolica, como nós lhe chamamos, e o Pastor. Estes não são canonicos, porém podem lêr-se..”

CATHALOGO IV—CYRILLO

Cyrillo de Jerusalém, em 348, offerece-nos o *QUARTO CATHALOGO* em seus *Discursos cathequesicos*, cap. 35, com a exhortação seguinte:

“Como filho da Igreja medita sobre os livros do Antigo Testamento que são vinte e dous, e que eu passo a enumerar um por um:

Cinco livros de Moyses; Genesis, Exodo, Levitico, Numerus, Deutronomio. Em seguida, Josué, filho de Num. O livro dos Juizes, que, junto com o de Ruth, faz o setimo. Depois seguem os livros historicos. O 1.º e 2.º dos Reis, que segundo os hebréos fazem um livro. O 3.º e 4.º, um livro também. O 1.º e 2.º das Chronicas, são também contados por elles como um livro. O 1.º e 2.º de Esdras são igualmente considerados como um. O duodecimo é Esther. Estes são os livros historicos. Os livros escriptos em verso são cinco: Job, o volume dos Psalmos, os Proverbios, o Ecclesiastes, e o Cantico dos Canticos, que fazem o livro decimo sete. Depois d'estes ha cinco livros propheticos: Os doze Prophetas n'um volume, um de Isaias, um de Jeremias com Baruch, as Lamentações e as Epistolas. Em seguida, Exequiel, e o livro de Daniel, o vigesimo segundo do Antigo Testamento.

Cyrillo accrescenta:

“Lê estes 22 livros... Sobre elles, e só sobre elles medita cuidadosamente; estes são os unicos que a Igreja lê com

fé. Os Apostolos e antigos bispos, governadores da Igreja, a quem esses livros foram entregues, eram mais sabios e santos que tu..”

Cyrillo accrescenta a este cathalogo mais um outro do Novo Testamento.

Julgue-se agora quam completo e irrefragavel é este testemunho em favor das Sagradas Escripturas, tal como as fazem circular as Sociedades Biblicas da Inglaterra e Estados Unidos.

Quem são, pois, os innovadores, nós ou elles?

Quem abandonou a tradição dos Padres primitivos?

Quem são os que adherem ao primitivo Canon?

As Igrejas reformadas; ao passo que a Igreja romana alterou-o, consoante as conveniencias do tempo e do lugar.

CATHALOGO V—EPIPHANIO

Epiphanio deixou-nos o *QUINTO CATHALOGO*, no anno 368. Diz assim no seu *Panario*:

“Os judeus tiveram, pois, estes prophetas e livros dos prophetas até ao seu regresso da Babylonia:

O 1.º, Genesis; 2.º, Exodo; 3.º, Levitico; 4.º, Numerus; 5.º, Deutronomio; 6.º, O Livro de Josué, filho do Num; 7.º, O livro dos Juizes; 8.º, O livro de Ruth; 9.º, O livro de Job; 10.º, O Psalterio; 11.º, Os Proverbios de Salomão; 12.º, O Ecclesiastes; 13.º, O Cantico dos Canticos; 14.º, O primeiro livro dos Reis; 15.º, o segundo livro dos Reis; 16.º, O terceiro livro dos Reis; 17.º, O quarto livro dos Reis; 18.º, O primeiro livro dos Parallipomenos; 19.º, O segundo livro dos Parallipomenos; 20.º, O livro dos doze prophetas; 21.º, Isaias, propheta; 22.º, Jeremias com as Lamentações e sua Epistola e a Epistola de Baruch; 23.º, Exequiel, propheta; 24.º, Daniel, propheta; 25.º, O primeiro livro de Esdras; 26.º, O segundo livro de Esdras; 27.º, Esther.

“Estes são os vinte e sete livros dados por Deus aos judeus, ainda que sejam contados por vinte e dous sómente, segundo o numero de letras do alphabeto hebraico, pois dez dos livros que são em duplicado se reduzem a cinco.

“Ha também outros dous livros, de cuja authenticidade se duvida. a *Sabedoria* de Sirach e a *Sabedoria* de Salomão, além de outros que são apocryphos..”

Epiphanio deixou dous cathalogos, além d'este do Antigo Testamento em seu ensaio sobre *Medidas e Pesos*, secções 4.ª e 23.ª, e que concordam exactamente com o que acaba de lêr-se.

E', pois, evidente a força concludente e decisiva d'este argumento, e não necessita das considerações, que podiamos fazer, para frisar bem quaes são elles que usam Biblias falsificadas, se são as Igrejas Evangelicas ou se é a Igreja romana.

(Continúa.)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

A VIRGEM DO SAMEIRO

(Continuado do n.º 47)

CONCLUSÃO DA RESPOSTA AO QUESITO

XX

Que devoção! que fé! que piedade! E será isto a religião pura de Jesus Christo?

Não faziam os pagãos exactamente o mesmo? Eram mais civilisados os seus *pagodes*?

Emquanto, ao dizer-se na ultima parte do presente quesito que perante a imagem da Virgem se devem dirigir orações a Deus, diremos que aquelles que practicam um tal acto, commettem uma verdadeira idolatria, e desconhecem completamente os ensinamentos de Christo.

Jesus diz-nos "Tudo o que pedirdes ao Pae em meu nome (e não no de Maria) eu vol-o farei, para que o Pae seja glorificado no Filho," (S. João, xiv, 13). Ora, se tudo o que a Deus pedirmos em nome de Jesus, tudo receberemos, para que a intercessão da Virgem e dos Santos? "Em verdade, em verdade vos digo:—é ainda Jesus quem falla—se vós pedirdes a meu Pae alguma coisa em meu nome, elle vol-a dará," (S. João xvi, 23). O Divino Mestre, como se vê, não se contenta com ensinar-nos a quem devemos recorrer para evitar as perversões dos falsos ensinadores—acrescenta em nome de quem devemos pedir—em seu Nome.

No mesmo Evangelho xiv, 14, diz o Salvador: "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, essa vos farei." Ainda outra vez a phrase—*em meu Nome*.

E depois d'isto, uma pergunta apenas:

Quem respeita melhor a Virgem Maria, os crentes evangelicos ou os catholicos romanos?

Desafiamos o mais ousado polemista da Igreja romana a que nos responda, em face dos livros divinamente inspirados.

XXI

Deus concedeu ao papa o poder de perdoar peccados e conceder indulgencias?

A resposta ao quesito antecedente demonstramos que Deus é o unico que tem o poder de perdoar os peccados, e que não confiou essa missão a nenhum delegado seu cá na terra.

Emquanto ás indulgencias, ellas não passam de um ardil astutamente ideado, com o fim de obter dinheiro—, desde o papa Bonifacio ix, em 1390, que foi o primeiro que as mandou vender por to-

do do mundo, até Leão xiii que com ellas faz o mesmo negocio.

Se as indulgencias, segundo a definição dos theologos romanos, servem para "perdoar o castigo devido ao peccado," deduz-se que ellas são completamente innuteis, porque se Deus perdôa o peccado, como é materia corrente, o que e que fica mais por perdoar? Se o peccado já está perdoado, porque se não perdôa a pena? Como é que a Igreja romana pode affirmar semelhante absurdo? Em que se baseia para proclamar um tal erro? Não lh'o perguntemos. A confissão dá uma certa influencia moral ao sacerdote; e o trafico das indulgencias, sobre tudo, é de uma grande vantagem material; faz-lhe conta tanto a consciencia como a bolsa do penitente!

Affonso de Castro, celebre frade franciscano, em 1530, diz que não ha assumpto acerca do qual as Escripturas menos hajam fallado e os antigos Padres menos hajam escripto como a doutrina das indulgencias. O famoso cardeal Caetano diz: "Nem as Escripturas nem os antigos Padres gregos ou latinos nos dão noticias das indulgencias."

As indulgencias não passam, pois, de uma mera fraude piedosa, e são um *arranjo* de uma nova especie, para lhe não darmos o seu verdadeiro nome.

Oh! como n'essa Igreja se cumpriram as palavras da Escriptura: "E HAVERÁ ENTRE VÓS FALSOS DOUTORES... E POR AVAREZA, COM PALAVRAS FINGIDAS FARÃO DE VÓS UMA ESPECIE DE NEGOCIO, E DAS ALMAS DOS HOMENS!!..." (2.ª S. Pedro II, 1-3; Apoc. xviii, 3)

XXII

Senão foi Deus, nem a Escriptura Sagrada que deu taes prerogativas e privilegios á Virgem, segundo os livros que examinei, quem foi o author de tudo isto?

O que temos dito até aqui, é claro que a resposta ao presente quesito já está dada.

O author de toda esta idolatria foi a Igreja romana, que de anno para anno, de seculo para seculo, foi inventando o que muito bem quiz.

Assim, no anno 470 ordenou que pela primeira vez se dirigissem orações á "mãe de Deus," (!!), e no anno 754 mandou invocal-a "sob pena de excommunhão"; no anno 855 decretou a festa da Assumpção; no anno 1000 introduziu no missal o *officio menor da Virgem*, que mais tarde foi confirmado pelo papa Urbano II, no concilio de Cler-

nont; no anno 1237, a instancias dos "frades pré-gadores,, determinou que se dissesse a *Salvé Rainha*; em 1317, o papa João XXII ordenou que os christãos accrescentassem ás suas orações a *Avé Maria*, isto é, as palavras com que o Anjo Gabriel saudou a Virgem; no anno 1470 foi inventado o *Rosario*, cujo uso é genuinamente pagão; e finalmente no anno 1854, Pio IX definiu o dogma da immaculada Conceição!

Eis o que a historia nos diz.

Se a devoção da Virgem, como a Igreja romana a entende, fosse divina, não é verdade que se acharia ella na Escriptura Sagrada? Porém nada nos diz ella a tal respeito.

Em seus Evangelhos, S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas não dizem uma só palavra sobre a mariolatria romana. S. Paule escreveu quatorze Epistolas, mas em todas ellas não vemos um indicio de hyperdulia. A S. João, do alto da cruz, Jesus recommendou sua mãe. Diz a historia que desde esse dia a Virgem vivera até á morte na companhia do discipulo amado. Era de esperar que, conhecendo-a tão de perto e tendo-lhe sido recommendada pelo Divino Mestre, dissesse alguma coisa acerca da sua devoção; porem, nem uma só palavra! S. João foi dos doze Apostolos aquelle que mais escreveu. Temos d'elle um Evangelho, tres Epistolas e o Apocalypse; porém, em nenhum dos seus escriptos se acha uma só palavra que justifique o culto que a Igreja romana manda prestar á Virgem.

A sua segunda Epistola é endereçada a uma senhora e seus filhos. Se ha um logar mais proprio do que outro qualquer para elle fallar acerca da devoção da Virgem, era sem duvida este. Uma epistola a uma senhora devia por certo tractar do culto da Virgem! Porém nem uma palavra encontramos sobre tal devoção. E S. João, que viveu quasi um seculo, passa d'este mundo para o outro não nos fallando de outra devoção senão da de Jesus Christo!

Este silencio de S. João seria bem reprehensivel e até mesmo criminoso, se a doutrina de Roma fosse verdadeira; mas não o sendo, como sufficientemente fica demonstrado, esse silencio é o mais solemne protesto contra os seus ensinos d'ella a tal respeito, mandando honrar uma mera creatura como se fosse o proprio Deus!

N'isto, como em muitas outras coisas mais, essa Igreja desviou-se dos ensinos de Deus para ir após as tradições e os mandamentos dos homens!

XXIII

Em que epocha e em que paiz se inventaram todas estas homenagens tributadas á Virgem, e com que chegaram mesmo a divinisa-la?

POI pelos fins ho quarto seculo que principiou a devoção da Virgem.

Segundo os mais conceituados historiadores imparciaes, o caso foi assim:

Umás mulheres pagãs, denominadas Colhyriandanas tinham por costume offerecer a Astarte ou a Venus umas tortas denominadas colhyrides. Abraçando nominalmente o christianismo e não podendo abandonar um tal costume, lembraram-se de substituir Venus pela Virgem Maria e offerecer a esta as tortas que consagravam aquella.

Esta é a origem do culto de Maria, ou antes, da mariolatria romana.

Muitos christãos insurgiram-se contra semelhante innovação, sobresahindo entre todos S. Epiphânio, que a apodou de "blasphemia perigosa á alma,,; porém os pagãos que abraçavam o christianismo, continuavam a tributar á Virgem Maria os mesmos cultos que tributavam ás suas deusas, Astartes, Astaroth, Bavyay e outras, e desde então tem ido crescendo até á devoção idolatra pela mãe de Jesus.

E, para melhor affastar o povo incauto do verdadeiro culto e da verdadeira devoção, Roma multiplicou a imagem da mãe de Christo, a qual imagem nunca foi d'ella, porque os *santeiros* nunca a viram, em dezenas de imagens de todos os tamanhos, feitos e denominações, que são outros tantos meios de especulação nas mãos do sacerdote romano, sendo algumas d'essas imagens mais milagrosas que outras, a Virgem do Sameiro, mais que Virgem dos Remedios de Lamego, esta de mais virtude que a Senhora da Abbadia; a Virgem do Parto superior em milagres á Virgem do Allivio, etc., etc.—facto na verdade incompreensivel,, pois sendo ellas de uma só e mesma pessoa, conforme dizem, como é que uma faz milagres e outra não? que uma é mais milagrosa que outra?

A resposta deixamol-a ao bom senso d'aquelles que se dignarem lêr estas paginas.

CONCLUSÃO

XXIV

Tendo respondido até aqui a todos os quesitos, que nos foram enviados, o presente trabalho resentir-se-hia necessariamente de uma grande falta, se lhe não déssemos por conclusão a resposta ao seguinte quesito, não formulado pela pessoa que nos escreveu, mas que pôde ter surgido no espirito do leitor:

O que pensam os crentes evangelicos acerca da Virgem Maria? Quacs as suas crenças a seu respeito?

Vamos responder.

Todos os christãos evangelicos crêem firmemente n'este vaticinio de Isaias:

"Eis que uma Virgem conceberá e dará á luz um filho, e será chamado Emmanuel. (Cap. VII, 14.)

Professam igualmente todos os christãos evangelicos e unanimemente concordam n'estas palavras do Credo dos Apostolos:

"Creio em Jesus Christo, só seu unico Filho, o qual foi concebido por obra do Espirito Sancto, e que nasceu de Maria Virgem.,"

Crêem mais que grande e maravilhosa foi a graça do Senhor, escolhendo-a para mãe do Redemptor.

(Continúa.)

SCIENCIAS, ARTES E LETTRAS

O Visconde de Chateaubriand

Mr. de Chateaubriand é um d'aquelles homens a quem o céo reservou o mais bello destino que um homem pode invejar, — o de ver o seu nome apregoado pelo universo; — d'assistir ao triumpho de todas as suas obras; — de as ver traduzidas em todas as lingoas; — de gosar da sua propria gloria; — podendo em fim dizer que não deve estes successos, estes triumphos, e esta gloria, senão á superioridade do seu genio. Elle será considerado como um dos maiores homens do nosso seculo, e as suas producções se tornaram o mais subido monumento á sua fama.

N'esta epocha de revoluções e de maravilhas, de triumphos e de reveses, de elevações e de quedas, foi Mr. de Chateaubriand um exemplo das vicissitudes humanas, e do quanto póde uma alma forte, e uma elevada intelligencia. O Ceo que o fez nascer d'uma familia nobre, rica, feliz e estimada, não parecia have-lo destinado para uma carreira de perigosas viagens, d'immensos trabalhos litterarios, e de continuas luctas politicas. Sendo mancebo no começo da revolução Franceza, persuadiu-se que a sua vocação era a das armas, e entrou effectivamente no serviço militar. Seu pae desejava que elle servisse na marinha, e sua mãe que seguisse a vida ecclesiastica; porém nada d'isto aconteceu; sendo porém notavel que depois de longas viagens fosse o primeiro que veio levantar em França o symbolo do Christianismo, que haviam lançado por terra as desenfreadas paixões de 1793 — Eis aqui como elle mesmo explica a sua partida de França n'esta epocha.

“Eu era capitão de cavallaria no regimento de Navarra. Os soldados d'este regimento seguiram, como todos os outros, os movimentos revolucionarios, de sorte que no fim do anno de 1790 me achei inteiramente livre. Quando deixei a França no principio de 1791 marchava a revolução a passos largos.

“Eu professava os principios em que ella se fundava; mas detestava as violencias que já a haviam manchado. — Era pois muito por minha vontade que eu ia procurar uma independencia mais conforme com o meu genio, e mais propria do meu caracter. — N'esta mesma epocha crescia o movimento da emigração; mas como se não tratava de guerra, nenhum sentimento d'honra me podia obrigar, contra os dictames da minha razão, a entrar nas loucuras de Goblentz. Uma mais digna emigração se dirigia para as Margens do Ohio; uma terra de liberdade offerecia um asilo áquelles que fugiam

da liberdade da sua patria. Na primavera de 1791 disse adeus á minha respeitavel e digna mãe, embarquei em S. Maló, levando para o general Washington uma carta de recommendação do marquez de la Rouairie.”

E' pois constante que Mr. de Chateaubriand não emigrou; elle não deixava a França simplesmente com o fim de a deixar; tinha concebido um plano immenso, cuja execução começava a pôr em practica. Seu intento era nada menos do que descobrir a famosa passagem ao noroeste da America, tentativa atrevida proseguida depois pelo celebre capitão Parry, e pelo intrepido capitão Franklin. Tal era o fim da sua empreza, havendo começado por visitar as vastas solidões da America, onde se lhe revelou esse magnifico talento descriptivo, bem como um profundo sentimento religioso, exprimido em todas as suas obras com tanta elevação, e poesia. Foi alli, junto ás choupanas dos selvagens, e debaixo da protecção incerta d'uma hospitalidade duvidosa, que elle compoz as suas primeiras obras, pondo-lhe aquelle sello original até então desconhecido, como a natureza e os costumes novos que tinha a descrever... Foi alli que, cercado de povos barbaros, e de logares ajuda mais selvagens, que se decidiu a vocação de Mr. de Chateaubriand.

Passou da America para Inglaterra, onde se occupou com affinco a ordenar todos os apontamentos que tinha feito, e todas as obras que havia esboçado nas solidões do Novo Mundo. Quando em 1800 se lhe abriram de novo as portas da França, e que a liberdade, que havia degenerado em licença, acabava pelo despotismo, entrou de novo na patria com Mr. de Fontanes que foi sempre seu amigo, e que depois se tornou um escriptor celebre. Desde esta epocha até 1814 publicou Mr. de Chateaubriand — *os Martires*, o *Itinerario de Paris a Jerusalem*, e o *Genio do Christianismo*, obras admiraveis, que são os mais bellos titulos da sua gloria como author, como philosopho e como christão. N'este periodo pouco figurou nos negocios politicos, e nenhum contacto teve com o poder, supposto fosse por elle ameaçado, e algumas vezes perseguido.

Quando em 1814 foi assignada a paz, quiz Mr. de Chateaubriand reclamar uma malla que havia deixado em Londres, contendo todos os seus manuscriptos da America; mas infelizmente não se recordava nem do nome da pessoa em cuja casa havia habitado, nem tão pouco do nome da rua. Foi só depois de longas indagações, que se encontraram os herdeiros d'esta velha senhora. — Seus filhos haviam respeitado o deposito confiado a sua mãe, e a malla foi entregue intacta. Entretanto já o no-

me do author se tinha tornado celebre; uma familia pobre tinha ao scu alcance o meio de se enriquecer com estes manuscriptos; ella nem n'isso pensou, julgando mui simples respeitar o deposito, que lhe fôra confiado. Mr. de Chateaubriand deveria ter revelado o nome de esta familia respeitavel ao reconhecimento de todos os seus leitores.

Em 31 de Março de 1814 appareceu a primeira brochura politica de Mr. de Chateaubriand, e desde este dia tornou-se homem politico. Foi eleito membro da Academia Franceza, depois creado par de França, depois nomeado ministro d'estado, sem que nunca deixasse de ser o homem da sua consciencia e da sua convicção. Ligado ao principio da legitimidade, que elle considera como o penhor da paz universal, e como a garantia mais forte da estabilidade das instituições dos povos, nem por isso deixou jámais de pugnar pela liberdade. Foi um dos mais zelosos sustentaculos da liberdade d'imprensa, d'esta instituição vital, mãe de todas as outras liberdades. — O seu *ensaio sobre revoluções*, publicado em Inglaterra, não tinha penetrado em França em 1800; — apenas alguns artigos de *Mercurio* e as promessas de Mr. de Fontanes perseguiavam um talento novo, quando subitamente as suas grandes obras encheram o horisonte com as suas grandes bellezas. Este incomparavel successo conferiu a Mr. Chateaubriand a sua influencia triplíce; religiosa, poetica e monarchica: — Todos os seus ultiores successos estão ligados a esta magestosa inauguração da sua vida publica como escriptor.

A religião, a poesia, e a monarchia, dominaram mais ou menos nos ultimos trinta annos esta vida que se engrandecia como um poema. Elle serviu a patria; illustrou-a com a sublime influencia do seu genio: — dilatou o seu nome n'um horisonte tão vasto como o que occupa a intelligencia humana, deixando ás gerações futuras um exemplo sublime de quanta fama pode subitamente alcançar um talento transcendente empregado em propagar as salutiferas verdades do Christianismo.

Dos livros e manuscriptos antes e depois da imprensa.

(Continuado do n.º antecedente)

D'esta forma fizeram elles a importante descoberta de que o ponto central do *Pentateuco* é exactamente a letra *Noun*, no vocabulo *Gehen*; que no *Genезis* ha 12 *parascioths* ou grandes secções; 43 *sedarins* ou pequenas secções; 1534 versiculos; 20,713 palavras; 70,100 lettras; curiosidades importantissimas!

Tal é a origem da *Massorah*, taes são os seus resultados: gigantesca puerilidade!

Os seculos de trevas e barbaria, como ordinariamente se lhes chama, não foram estereis para a humanidade, não obstante as ninharias que acabamos de citar. Entre a morte de Justiniano e o principio do decimo quinto seculo trabalhou-se com o maior afinco por salvar do naufragio universal as reliquias da antiguidade erudita.

Não é preciso mais do que citar Procopio o historiador, Hesychius o lexicographo, o grammatico Prisciano, o philosopho Boethe; o veneravel Beda; Alcuin mestre de Carlos Magno; Raban Mauro; o rei Alfredo; e ultimamente Phocio, patriarcha de Constantinopla, a quem o imperador Miguel III fez em uma semana subir todos os degraus que conduziam ao patriarchado. Elle foi monge, leitor, subdiacono, diacono, presbytero e patriarcha no curto espaço de seis dias. O seu *Myribiblion* é o primeiro exemplo das Revistas criticas que hoje a cada passo se encontram. Os seculos undecimo, duodecimo, e decimo terceiro produziram Avicenna, Psello, Lanfranc, Anselmo, Suidas, Anna Comnene, Rogerio Bacon, Tzetzes de Constantinopla. E por fim, Dante, Petrarcha, Chaucer, e Gower, que, quaes lucidas constellações, espargem ondas de luz para os seculos seguintes. Quem pois á vista d'isto ousará dizer que a cadeia de transmissão intellectual foi jámais interrompida? ou que os conventos foram hostis ao desenvolvimento do espirito humano? Quando toda a especie de propensão intellectual era desterrada dos campos e dos palacios, quando nobres e mechanicos desprezaram o movimento do pensamento, os unicos asylos que o protejem contra a geral barbaria, são os conventos.

O caracter religioso e quasi sagrado que andava annexo á arte de transcripção, o grande numero de pontos por onde os manuscritos andavam disseminados fazendo-os assim conservar; o respeito dos guerreiros e dos mesmos conquistadores para estes logares de retiro e para os seus habitantes, tudo concorria pera favorecer a transmissão do deposito litterario. Alexandria antes de ser incendiada pelos Sarracenos, continha setecentos mil volumes: em Pergamo havia dusentos mil: Constantinopla era mais rica: de dia e de noite estavam-se copiando os thesouros da antiguidade, e as tradições christãos nas ilhas do mar Egeo, nos conventos da Asia-Menor, e nas visinhanças de Bysancio. Montfaucon menciona mais de cincoenta d'estes sanctuarios de sciencias existentes só na Calabria e arredores de Napoles; todo o seu capitulo intitulado: *Dos logares e dos paizes em que a escriptura grega esteve em uso*, dá mui curiosas noticias ácerca dos copistas d'esta nação. Sobre o promontorio do monte Athos que vem do centro da Macedonia, e entra pelo mar Egeo, elevava-se um mosteiro, que se tornou celebre pelos trabalhos dos mon-

ges na arte de copista, que era a sua occupação exclusiva. Os palacios dos reis de França, e as suas quintas, eram outros tantos focos luminosos em que se concentravam os ultimos restos da sciencia humana. Mabillon cita sessenta e tres palacios e quintas em que residiam escreventes, e donde eram expedidos os diplomas regios. A comparação d'estes diplomas, da forma da sua escriptura, e do estylo empregado em seus adornos, offerece um excellento fio conductor aos que cuidam nos trabalhos de que fallamos, e que querem mais especialmente reconhecer a authenticidade dos manuscritos latinos. E' para sobre modo admirar o erro de Voltaire, e de quantos a exemplo d'elle julgaram que o genero humano embrutecera na barbaria por espaço de muitos seculos; quando toda a Azia estava povoada de copistas, quando a Europa Occidental, e até as ilhas Britannicas, ultima raia da Europa, protegiam esta arte, e pagavam um manuscrito por 800,000 reis do nosso dinheiro: quando cada igreja tinha uma bibliotheca com seus competentes bibliothecarios, e com um *scriptorium*, salla tão sómente destinada para a transcripção incumbida aos frades; quando cada convento era como uma arca santa, no meio do diluvio da guerra e da barbaria! e os mosteiros foram as unicas fortalezas contra as quaes se despedaçou o poder dos reis, e os unicos templos a que se acoutou a civilisação perseguida nas outras partes da terra!

Taes são os principaes documentos que nos podem guiar na historia dos manuscritos e na sua transmissão; procuremos agora as deducções que d'elles devemos tirar. Quando se não poder suspeitar motivo algum plausivel de fraude e falsificação, as probabilidades são a favor do manuscrito. Se porém n'elle encontramos factos, datas e nomes que já se tem visto em outras da mesma epocha, e especialmente nas correspondencias contemporaneas, augmentará a probabilidade. No theor mesmo do manuscrito podemos nós receber uma impressão semelhante áquella que em nós deixa a practica d'aquellas pessoas, cuja veracidade e candura parece que respiram nos seus semblantes e em suas fallas. Se existirem muitas copias, muitos exemplares do mesmo manuscrito na mesma epocha, mas em differentes logares, será isto mais uma nova verosimilhança: a qual augmentará ainda, se os factos narrados parecerem estranhos ou monstruosos á primeira vida, e que a sua authenticidade fundada na crença do povo, se achar depois provada pelas historias dos outros escriptores. A extrema minucia dos pormenores relativos ás cousas e ás pessoas da mesma epocha, nem sempre é sufficiente: quando porém este testemunho se junta a aquelles que acabamos de citar, e que, como nos Evangelhos, as indicações são muito exactas, assim como as datas, e os nomes d'homens muito multiplicados, conformes á tradição e á

historia; resulta d'este concurso uma immensa probabilidade a favor da obra antiga. E' necessario ver se a chronologia se alterou, ou se se conservou; se a successão dos acontecimentos é natural; se está bem exactamente marcada a coincidência dos factos historicos, e dos reinados sobre os diversos pontos do globo; se todos os contemporaneos concordam em reconhecer que o author escreveu a obra que se lhe attribue; se o seu estylo está perfeitamente d'accordo, não só com o tempo em que viveu, mas com o lugar em que nasceu, com a sua situação pessoal, e com os seus habitos; se as suas phrases tem na verdade a physionomia asiatica ou romana do primeiro seculo, ou do decimo; e por ultimo, se nos outros escriptores apparecem vestigios d'aquelle cuja authenticidade se quer verificar; se esses vestigios se conservaram por via de citações; e se estas citações se encontram no proprio manuscrito que se dá por authenticico.

Quando um author é citado ao mesmo tempo por muitos escriptores coevos, que nenhum interesse tem em suppor uma authenticidade fallaz; e essas citações se referem exactamente ao texto do escriptor; e numerosas allusões espalhadas por outros contemporaneos concorrem ao mesmo fim; quando a distancia dos lugares e dos tempos previnem toda a possibilidade de conluio e de fraude, então o mais esturrado sceptico ver-se-ha obrigado a abdicar as suas duvidas. Ha de convir que o Virgilio e o Seneca, de quem possuímos hoje alguns escriptos, eram com effeito compatriotas de Augusto e de Nero. Poucos livros deixam de os citar mais ou menos; e nos livros antigos são as citações d'aquelles autores ainda mais amiudadas.

O citader ora copia do texto uma passagem inteira; ora é accidental a sua citação, e algumas vezes lhe acontece servir-se d'um termo, d'um modo de dizer, d'um epitheto, ou d'uma imagem que confessa d'onde as tirou. Fragmentos dos tragicos gregos andam espalhados pelas obras de todos os philosophos latinos. Encontram-se em varios pontos minuciosas criticas, analyses circunstanciadas, e commentarios philogicos ou historicos consagradas a certas obras. Todas estas provas devem ser tomadas em consideração, e muitas suspeitas se elevam contra a obra que aspira a remota antiguidade, e que se não apresenta guarneçada com nenhuma d'estas provas correlativas. Provocou porém ella alguma discussão? apparecem signaes d'ella? e foi traduzida por differentes linguagens? Se assim é; quanto mais essas traducções fielmente se approximarem do texto original, mais pezo fará esse texto.

Antes de darmos fé á data e ao nome do author, é mister que elle seja examinado nas differentes luzes que vimos de assignalar.

(Continúa.)

SECÇÃO NOTICIOSA

Egreja Catholica Apostolica Evangelica, de Villa Nova de Gaya—O CÔRO EVANGELICO reuniu-se no domingo passado, em casa do sr. Diogo Cassels, em S. Christovão de Mafamude. Estiveram presentes alguns membros da Egreja, bastantes visinhos da casa e outras pessoas que nunca tinham assistido a um culto evangelico,—ao todo 68 pessoas que prestaram muita attenção á explicação da parábola do homem insensato, (S. Lucas cap. XII, 16—21).

Cantaram-se quatro hymnos em louvor do Senhor.

A ESCOLA NOCTURNA NO TORNE continú a ser muito frequentada, achando-se matriculados mais de 80 homens e rapazes com uma frequencia algumas vezes de 50 adultos, que diariamente estão lendo a Sagrada Escripura e aprendendo a escrever e contar. O zeloso professor, o sr. Arthur d'Almeida Moura Coutinho e o digno ministro d'aquella Egreja, o sr. Diogo Cassels, dirigem este curso nocturno.

Conferencia sobre missões.—Na Quinta-feira, 29 do corrente, verificou-se uma Conferencia sobre missões no estrangeiro, na Capella Methodista, d'esta cidade, no Largo do Coronel Pacheco.

Tomou a presidencia o sr. Jorge Searle que fallou sobre missões evangelicas e expoz em poucas palavras o fim da Conferencia.

O Rev. R. H. Moreton leu um pequeno relatorio mostrando a grandeza dos trabalhos da Sociedade Methodista, que é, sem duvida, uma das Sociedades que tem sustentado mais missões e colhido muito fructo na seara do Senhor.

Em seguida, tomou a palavra o sr. André Cassels que fallou sobre as missões no Japão sendo escutado com muita attenção por toda a assembleia.

O Rev. John England discursou sobre o poder do Evangelho em converter homens incredulos e barbaros em crentes e homens civilisados.

O sr. Diogo Cassels fallou alguma coisa a respeito da China, aonde um seu irmão está agora prégando o Evangelho, á sua propria custa e tendo sido muito abençoado pelo Altissimo.

No fim fez-se uma Collecta em auxilio das missões no estrangeiro, a qual produziu 18\$000 reis.

Sala Evangelica em Lordello do Ouro—Na terça feira d'esta semana, o rev. Guilherme Dias fez alli a segunda conferencia sobre os deveres dos filhos para com os paes, estando a sala completamente cheia, e escutando todos com a maxima attenção. Na proxima terça feira, 4 do corrente, pelas sete horas, terá logar a terceira conferencia sobre os "deveres dos paes para com os filhos."

Opinião da Imprensa sobre "O que é a Missa,"—Do "Syndicato," de Lisboa:

"Sobordinado a este titulo acabamos de ler um livrinho da propaganda anticatholica, escripto pelo distintissimo escriptor protestante Guilherme Dias. E' um trabalho digno de ser apreciado pelas pessoas cultas, e que contém verdades irrefutaveis e de valioso alcance. O sr. ex-padre Guilherme Dias escarpella com mestria as incoherencias e apostasias romanicas, e cae a fundo sobre os perfidos inimigos do grande filosofo dos seculos.

Recommendamos a todos a leitura do primoroso livrinho que de mais está escripto em estylo elegantissimo e flente o que lhe augmenta encanto.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado, e d'aqui felicitamos o seu illustre autor, com quem já tivemos a honra de nos relacionarmos no Porto."

O Povo de Aveiro:

"Intitula-se *O que é a Missa* um livro de 100 paginas, que acabamos de receber. E' escripto pelo ex-padre da Egreja Romana, o sr. Guilherme Dias, sendo esta já a 2.^a edição.

Agradecendo a offerta, recommendamos a leitura d'esta publicação a todas as pessoas e principalmente áquelas que ainda se não convenceram de que as missas são uma verdadeira especulação.

Custa 100 réis."

O Nove de Julho:

"Assim se intitula um livro anti-jesuitico escripto por Guilherme Dias, sobre a missa e tantos outros preceitos ridiculos, que a egreja catholica usa para illudir os ingenios.

Recebemos e muito agradecemos."

Um harmonium—O *Commercio do Minho*, de Braga, informa que um tal padre Gorja offereceu á Virgem do Sameiro um *harmonium* com teclado de 3 oitavas e meia, para ser vendido, caso encontre comprador.

Senão encontrar comprador, é claro que será para o capellão da dicta do Sameiro se entreter, enquanto espera pelas offertas que os ignorantes lhe proporcionam a titulo de propinas para a sancta.

Os jesuitas e a falta de instrucção publica, no Sardoal—Sardoal occupa o terceiro logar na ordem das terras fanatisadas pelo jesuitismo. Braga e Covilhã são talvez as unicas que lhe levam a primazia. Entretanto, no concelho de Sardoal não existe escola alguma official elementar para o sexo feminino!

O "Prisioneiro,"—A *Palavra* d'esta cidade, á falta de assumpto, tem

reeditado, nos ultimos numeros, que um amigo nos mostrou, a proposito do papa, uma série de longos e banaes logares communs, entre os quaes sobresae o do *pobre prisioneiro do Vaticano*.

"Prisioneiro,"? Apostamos com a *Palavra* que se mettessem o papa na Penitenciaria nas mesmas condições em que elle está no Vaticano, já elle se tinha *pirado* para melhores ares!

Outro officio, amigos!

Os jesuitas em S. Pedro do Sul

—Ha dias o *Seculo*, de Lisboa, deu a noticia do desaparecimento de uma infeliz rapariga, de S. Pedro do Sul, que, fanatisada pela malta dos jesuitas, abandonou a familia.

Agora sabe-se, depois de muitas pesquisas, que essa allucinada foi conduzida para uma d'essas casas, que o sr. ministro do reino não conhece, mas que existem por todas as nossas provincias, e abertamente protegidas pela authoridade publica.

Em Touraes havia um palacio velho e grande. Um medico, jesuita confesso, comprou-o, em nome de uma sr.^a Amada de Jesus.

Amada de Jesus... e dos padres.

Depois á dita sr.^a Amada juntaram-se muitas *irmãs*, amadas de segunda grandeza, commandadas por um dos taes—o padre Jeronymo de Ribafeita.

A ratoeira estava armada. A casa ficou-se chamando um collegio de educação gratuita.

Gratuita! como se essa gente fizesse alguma coisa de graça!

Para o collegio levaram grande numero de creanças, umas conquistadas á ignorancia dos paes, outras roubadas em diversos pontos da provincia.

Roubadas, senhores que governam e servem a companhia de Jesus! roubadas!

Segundo dizem, a infeliz Maria da Graça está n'aquella casa de perdição.

O pae da rapariga ja foi avisado.

Resta agora que as autoridades mandem arrombar as portas d'aquelle antro, e façam justiça.

Porque esperam? Não será melhor prevenir, que remediar?

A REFORMA

ECHO DA EGREJA LUSITANA

PUBLICAÇÃO SEMANAL ILLUSTRADA

Redacção e administração

Rua das Eirinhas 111—Porto

Assignatura por anno 1\$000 reis.

Para o Brazil 5\$000 reis, moeda fraca.

Para o objecto de qualquer reclamação, os nossos assignantes do Brazil podem dirigir-se nas diversas localidades aos nossos dignos e obsequiosos agentes, cujos nomes e moradas constam da circular que enviamos d'aqui em julho do anno passado.

PAGINA PARA A INFANCIA

Sainval e Gervasio

Os laços d'uma terna amizade uniam os jovens Sainval e Gervasio: tinham os mesmos gostos e os mesmos brinquedos.

Occupados n'estes doces affectos passavam os dias mais felizes, que podem imaginar-se.

N'uma manhã em que elles estavam juntos n'um bosque a colher avelãs, Gervasio viu um ninho n'uma arvore.

Trepar á arvore, subir aos ramos, foi obra d'um momento; satisfaz o seu desejo e eil-o possuidor de quatro passarinhos que a inexperiencia tornava ainda timidos. Entretanto, quando elle se esforçava por descer da arvore sem que os seus passarinhos soffressem o menor mal, um lobo esfaimado vem direito a Sainval, que dá um grito. Gervasio vê o perigo e, posto que não corre risco na arvore, deixa-se escorregar para soccorrer o seu amigo.

Agarra uma pedra: o lobo furioso lança-se sobre Sainval. Gervasio espera-o, enterra o braço nas fauces do animal apertando-lhe fortemente a lingua, enquanto que Sainval fere com uma enorme pedra o lobo, que expira.

Sainval testemunha, por caricias, o seu reconhecimento ao seu amigo. Ambos arrastam a presa para a cidade.

Ajunta-se gente de todas as partes para ouvir contar a sua aventura.

A narração minuciosa do succedido faz arrancar lagrimas de sentimento a todos os espectadores. Gervasio furta-se aos applausos que lhe dão pelo seu acto de coragem; volta ao bosque procurar os passarinhos, acha-os, e brinca em volta da gaiola que os encerra.

(Traducção do francez.)

Guilherme Dias Junior.

Exemplo d'amisade fraternal

O filho d'um rico banqueiro de Londres entregava-se em sua mocidade a todos os vicios, a ponto de indignar seu pae; cujos conselhos elle sempre desprezou. O velho, estando prestes a morrer, fez testamento pelo qual desherdou seu filho. Passado tempo morreu. Dorval, sabendo da morte de seu pae, fez sérias reflexões, pensou na sua vida passada e derramou lagrimas de arrependimento.

Passados poucos dias soube que seu pae o tinha desherdado. Esta noticia não o encolerisou, nem lhe arrancou dos labios qualquer palavra injuriosa á memoria de seu pae, a qual elle respeita até no acto o mais prejudicial aos seus interesses; diz sómente estas palavras:

—Mereci tudo o que meu pae fez.

Este procedimento chegou aos ouvidos de seu irmão Gerval, que, surpreendido da mudança dos costumes de Dorval, foi procural-o, abraçou-o, e disse-lhe estas palavras memoraveis:

—Meu irmão; pelo testamento que nosso pae fez, fui instituido seu herdeiro universal, mas elle não quiz senão excluir o homem que vós ereis então, e não o que vós sois hoje; por isso eu vos entrego a parte que vos toca.

(Traduzido do francez.)

Guilherme Dias Junior.

MISCELLANEA

Um sorriso do moribundo

Achava se gravemente doente um piedoso velho, e bem conhecia que ia morrer em pouco tempo. Mandou chamar seus filhos e netos para junto do seu leito.

N'este supremo momento, parecia que estava dormindo socegradamente; comtudo tres vezes se poz a sorrir, depois abriu os olhos, e olhou para a sua familia, com doçura e serenidade.

Um de seus filhos, perguntou-lhe:

—Men pae, porque vos tendes sorrido já tres vezes?

—Filho, respondeu o moribundo, á primeira vez fazia eu a enumeração de todos os prazeres mundanos, que experimentei na minha mocidade, e não podia deixar de sorrir de compaixão pensando na cegueira com que os homens correm atraz d'estes enganosos prazeres.

A' segunda vez, recordava-me de todos os males de que a minha longa carreira foi muitas vezes semeada, e agradecia a Deus, sorrindo, por me haver feito soar a hora de ir colher rosas eternas na celeste morada, depois de haver sido tantas vezes ferido pelos espinhos d'este mundo.

A terceira vez, seismava no terror invencivel que inspira a morte; e acolho-a, sorrindo, como um anjo de Deus, enviado para pôr fim a longas provações, e para elevar a alma anhelante de felicidade, para uma habitação de paz e bem-aventurança.

Meus filhos, a morte é doce para o homem justo; o seu espirito não repelle pensamento algum; viveu trabalhando e orando; sóbe ao céo sorrindo.

O sacco de terra

Um homem rico e poderoso, querendo augmentar o seu jardim, roubou a uma pobre viuva, que era sua visinha, um bo-

cado de terra, unica fortuna que ella possuia.

No dia seguinte, no momento em que elle visitava o terreno, de que se havia injustamente apoderado, a pobre mulher veio ter com elle trazendo na mão um sacco vasio, e disse-lhe com uma voz entre-cortada de lagrimas e de suspiros:

—O' meu senhor, peço-lhe me deixe levar do patrimonio tanta terra, quantta possa caber n'este sacco.

O rico poz-se a rir, e respondeu-lhe: "Acho bem extravagante este pedido, mas apesar d'isso quero fazer-lhe a vontade."

A viuva encheu o sacco de terra, e disse no fim:

—Agora tenho a pedir-lhe outro favor; é que me ajude a pôr este sacco em cima dos meus hombros.

Este homem, habituado a viver na molleza, e não querendo de modo algum incommodar-se, recusou-se com muito man humor. Mas taes foram as supplicas, e instancias da pobre viuva, que cedeu; mas quando quiz levantar o sacco exclamou: "é impossivel;—a viuva replicou immediatamente com energia: O peso d'este sacco de terra é já superior ás suas forças; como poderá a sua consciencia supportar por toda a eternidade o fardo de todo este campo, cuja terra não cabe em mil saccos como este?"

O usurpador preocupado com estas palavras, entrou em si mesmo, e restituiu logo á pobre mulher o terreno, que lhe pertencia.

"Lamentai aquelle, cuja cobiça o leva ao roubo e á injustiça; esse insensato preparou o supplicio que deve pesar sobre elle por toda a eternidade."

Capella Evangelica Lusitana do Redemptor

A S. LAZARO

(RUA DO VISCONDE DE BOVEDA)

N'esta capella ha officios divinos, todos os domingos, ás 10 horas da manhã e 6 e meia da tarde; e todas as quintas feiras, ás 6 horas da tarde.

Escolas dominicaes, todos os domingos de manhã, ás 9 e meia

Capella Evangelica Lusitana do Torne

EM

VILLA NOVA DE GAYA

N'esta capella ha officios divinos todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 e meia da tarde; e todas as quartas feiras, ao anoitecer.

Escolas dominicaes, e classes biblicas todos os domingos de manhã e de tarde.